

UN HOMME PAREIL AUX AUTRES DE RENÉ MARAN PELO PRISMA DA CRÍTICA GENÉTICA - HISTÓRIA DO TEXTO E DOSSIÊ GENÉTICO¹

Laura GAUTHIER BLASI*
Tina HARPIN**

RESUMO: *Un homme pareil aux autres* [Um homem igual aos outros] de René Maran é um romance conhecido pela sua história de amor e a sua inspiração autobiográfica. Mas é também um texto que foi constantemente reescrito, dos anos 1920 até a sua versão definitiva em 1947, na editora Arc-en-ciel. O romance teve várias vidas impressas e diversos títulos, desde a divulgação de um trecho do *Roman d'un nègre* [Romance de um negro] na revista *Je sais tout* [Eu sei de tudo] de 15 de novembro de 1924, à publicação de *Journal sans date* [Jornal sem data] na revista literária “*Ceuvres libres*”, em junho de 1927 e de *Défense d'aimer* [Proibido amar], na revista “*Feuillets littéraires*” [Folhas literárias] de Arthème Fayard, em 1932. O trabalho de rescritura, visível entre as versões impressas e o acesso aos manuscritos do autor convidam para uma reflexão sobre a obra do ponto de vista da genética. O artigo tem como

* Universidade Europeia de Madri. Departamento de línguas. Madrid – Espanha. 28670 -l.gauthier.blasi@gmail.com. Leciona também no mestrado de formação de professores do ensino básico. Sua tese (2017) debruçou-se sobre as cosmovisões e imaginários do caos na obra do escritor haitiano Gary Victor. Pesquisa a literatura caribenha francófona e, em particular, a literatura haitiana contemporânea. Após um mestrado em tradução, interpretação e comunicação intercultural, estendeu seu campo de atuação à tradução comunitária. É membro do grupo de pesquisa “Novas tecnologias e didáticas aplicadas ao ensino de línguas”, e ainda do grupo de pesquisa sobre René Maran associado ao ITEM.

** *Maitre de conférence* em literatura comparada. Universidade de Guiana. DFR LSH, MINEA. Georgetown - Guyana. 97 300- tina.harpin@gmail.com. Licenciada em Letras modernas e doutora em literatura comparada, defendeu uma tese sobre as escritas ficcionais do incesto e da raça nos Estados Unidos e na África do Sul nos séculos XX e XXI. Pesquisa a escrita das violências históricas e particulares nas literaturas americanas e africanas, francófonas e anglófonas. Autora de vários artigos e codiretora do Collectif Write Back, do livro *Postcolonial Studies: modes d'emploi* (2013). Organiza com Ahmed Mulla e Giulia Manera desde 2018, na Universidade de Guiana, um seminário de pesquisa sobre os feminismos pós-coloniais (*Séminaire FEMPOCO*) cujo caderno de pesquisa é publicado on-line.

¹ Este artigo é uma versão modificada e reduzida do texto homônimo em francês a ser publicado pela revista *Continents Manuscrits*. As traduções para o português das obras mencionadas foram realizadas pelo mesmo tradutor do artigo, Pascal Rubio.

propósito trazer uma atualização sobre a história do texto, apresentando um dossiê genético, composto por manuscritos não datados e que tentamos classificar.

PALAVRAS-CHAVE: René Maran. crítica genética. dossiê genético. História do texto. Manuscritos. Romance de amor. Inspiração autobiográfica. História colonial.

O romance *Un homme pareil aux autres*², publicado em 1947 pela editora Arc-en-ciel e posteriormente na Albin Michel, em 1962, dois anos após o falecimento do autor René Maran, teve várias vidas impressas até a sua versão definitiva. Lançado com títulos diferentes e em formatos mais ou menos extensos, o relato saiu pela primeira vez como fragmento no início dos anos 1920, no contexto do pós-guerra, dos “Anos loucos”, quando o sentimento amoroso passou a ser exaltado e considerado como o cimento do casal e um pré-requisito para o casamento (SOHN, 2002). A trama é exemplar dessa nova relevância atribuída aos sentimentos por focar uma história de amor, a de Jean Veneuse, o narrador, homem negro, administrador colonial que viaja para cumprir suas funções na África equatorial francesa (AEF) e de Andrée Marielle, mulher branca, culta, que vive em Paris. O enredo não deixa de ter vínculos com a vida real do autor: de um lado, René Maran, ex-administrador colonial, negro originário da Guiana, não escondeu suas aventuras com mulheres brancas, e casou com uma delas, Camille Maran, e do outro, notam-se as semelhanças entre a infância na região de Bordeaux e a trajetória do autor e de Jean Veneuse³. Além disso, *Un homme pareil aux autres*, nas suas diversas versões vem recheado de referências intratextuais⁴,

² Confira Maran (1947).

³ Em *Un homme pareil aux autres* (MARAN, 1947, p.33) podemos ler: “Entretanto Coulonges inventaria as nossas lembranças de infância e juventude. O liceu de Talence, o de Bordeaux, os professores que tivemos, as partidas de rugby que jogamos em tantos lugares, com a camisa do Sport Athlétique Bordelais. Extraí isso tudo do passado, lhe dá vida e o faz desfilar diante dos meus olhos [...]”, ou ainda: “Quem dirá o desespero dos pequenos ‘países quentes’ que seus pais implantam na França muito cedo, com o desígnio de fazer deles franceses genuínos? Colocam-nos em internatos da noite para o dia em um liceu, eles, tão livres e tão vivos, ‘para o seu bem’, dizem chorando. Fui um desses órfãos intermitentes e a minha vida toda sofrirei por tê-lo sido. Aos sete anos, entregaram a minha infância escolar a um grande liceu triste, em pleno interior. Lembro do parque onde abundavam os pinheiros, abetos, castanheiras-da-índia, acácias, bétulas e carvalhos.” (MARAN, 1947, p. 226-227).

⁴ Nota-se um eco ao excipit de Batouala (“Durma... Durma...”) no último capítulo da primeira parte do romance (“Durma, pobre homem, durma”). É verdade que o tropo do sono não deve ser subestimado em *Un Homme pareil aux autres*. Mais interessante, o poema sem título que inicia com “*Quand on aime, il ne faut rien dire*” [Quando se ama, não se deve falar nada] que surge a partir de *Journal sans date*, em 1927 (capítulo X, penúltimo da primeira parte) até a versão final do romance (capítulo IX que encerra a primeira parte). Este poema é atribuído a Jean Veneuse que o compôs durante um passeio; acontece que é de autoria de René Maran e foi publicado em 1958 em *Le Livre du Souvenir*, poèmes, 1909-1957 (Paris, Présence africaine, p. 65). Confira Maran (1958). A pergunta é a seguinte: era inédito em 1927 quando da sua publicação em *Journal sans date* ou era uma reprise e uma autocitação de um poema publicado anteriormente?

contribuindo para romper o pacto romanesco, ao remeter para outras obras literárias maranianas e ao valer-se da referencialidade. Nem por isso o romance de inspiração autobiográfica deixa de ser uma ficção, assumida e reivindicada por René Maran, e que autoriza o escritor, ciente da sua singularidade (RUBIALES, 2016), a abordar a questão do amor e de pensar o casal misto e o racismo em contexto colonial⁵, com as armas da criação romanesca.

O presente estudo é menos uma interpretação da escrita sobre o amor e o racismo em *Un homme pareil aux autres*, do que uma atualização a respeito da história do texto, do ponto de vista da crítica genética. A perspectiva genética implica em um deslocamento com relação ao conceito de literariedade do qual, via de regra, trata o estudo de textos literários (GRÉSILLON, 2016). Quem diz crítica genética diz questionamentos sobre a *gênese* de um texto, a sua origem, a sua própria *gestação* e as suas evoluções. O termo de *gestação*, mais dinâmico do que o de *gênese*, enfatiza o processo de produção e criação, a evolução do texto e o processo dinâmico de sua passagem para a narrativa. A perspectiva genética opera, portanto, um descentramento: não se trata mais de estudar uma obra enquanto “produto acabado”, mas sim, enquanto elaboração, processo e tomadas de decisões na criação. O espaço da escrita, os diversos manuscritos, tornam-se espaços de negociação⁶ no qual a instância escrevente, repensa, para aprimorá-lo, o seu processo literário, poético e/ou discursivo, por meio de acréscimos, rasuras, reformulações de trechos mais ou menos extensos. Este “processo de fabricação” (MAÏAKOVSKI, 1957, p. 344 apud GRÉSILLON, 2016, p. 16) é ainda mais patente em alguns autores que nunca deixam de retrabalhar os seus textos, mesmo já publicados. Este era o caso de René Maran. Assim, sabemos que o *Batouala* agraciado com o Prêmio Goncourt em 1921 não é o *Batoualá*⁷ da edição definitiva da Albin Michel de 1938⁸, desde então reeditada e lida no mundo inteiro. Manoël Gahisto, fiel amigo de René Maran, e a quem é dedicada a obra, escreveu a respeito das duas versões:

⁵ Na época da publicação da versão definitiva do romance em 1947, a descolonização não começou nos territórios franceses da África.

⁶ Almuth Grésillon (2016, p.33), considera que os manuscritos “[...] são, não apenas o lugar da gênese da obra, como também um espaço onde pode ser estudada sob nova perspectiva a questão do autor: como lugar de conflitos enunciativos, como gênese do escritor.” Ao termo de “conflito” que enfatiza a ideia de um enfrentamento no espaço criativo, preferimos o de conceito de negociação, remetendo a uma reflexão sobre o significado, a forma, as escolhas envolvidas no processo criativo para alcançar um objetivo literário.

⁷ Confira Maran (1921).

⁸ Confira Maran (1938).

Alguns trechos foram completamente remodelados, outros complementados, muitos adjetivos cederam o lugar a outros. Transformações felizes, no mais das vezes, que deixam o texto mais fluido, ao mesmo tempo em que ficam mais objetivos a evocação dos personagens, o delineado dos seus gestos, a pintura do cenário africano que os emoldura. (GAHISTO, 1965, p. 94).

O esforço de reescrita romanesca fica ainda mais visível com *Un homme pareil aux autres*, o que pudemos verificar ao participarmos do projeto de pesquisa desenvolvida pela equipe “Manuscritos francófonos” do Instituto dos Textos e Manuscritos modernos (ITEM-CNRS).

O presente artigo consolida os nossos primeiros resultados obtidos através do projeto, que deve redundar na reedição crítica e genética da obra do escritor, com o primeiro tomo dedicado aos romances e novelas, organizado pelo professor Charles Scheel (Universidade das Antilhas). A nossa proposta de síntese genética do texto instável que é *Un homme pareil aux autres* segue a trilha aberta pelos livros de Lourdes Rubiales, Roger Little⁹ e Buata Malela. Lourdes Rubiales apresentou uma breve gênese do romance em tela e abordou a escrita do **eu** nesta obra no capítulo “*René Maran et l’écriture du moi*” [René Maran e a escrita do eu], publicado em 2005 no livro *L’autobiographie dans l’espace francophone*, organizado por Inmaculada Díaz Narbona¹⁰. Em 2013, Roger Little publicou o artigo “*Le Roman d’un nègre à la recherche d’un titre*” [O Romance de um Negro em busca de um título] na revista *Présence Africaine*, no qual focalizou na crítica genética os títulos dados ao romance antes da sua versão definitiva de 1947¹¹. Por fim, Buata Malela apresentou um estudo comparado dos diferentes estados do texto no seu artigo “*Authenticité et réécriture de soi dans Journal sans date / Un homme pareil aux autres de René Maran*”, publicado em 2018 em *René Maran, une conscience intranquille*, [René Maran, uma consciência intranquila] um dossiê coordenado por Roger Little na revista *Interculturel Francophonies*¹². Também nos valem da descoberta e do estudo de documentos manuscritos para atualizar os dados coletados e contribuirmos com a história do romance e de suas diferentes versões. Esta incipiente apuração enfatiza em primeiro lugar a correspondência do autor

⁹ Nossa gratidão a Roger Little pela disponibilidade e as valiosas conversas que tivemos com ele acerca de *Un homme pareil aux autres* e da obra e correspondência de René Maran. Também agradecemos a Xavier Luce, Mbaye Gueye e, especialmente, Charles Scheel e Claire Riffard pela releitura deste artigo, melhorado graças aos seus conselhos e sugestões.

¹⁰ Confira Rubiales (2005).

¹¹ Confira Little (2013, 2021).

¹² Confira Malela (2018).

Un homme pareil aux autres de René Maran pelo prisma da crítica genética [...]

como evidência genética da sua obra, antes de apresentar o dossiê genético em si e os documentos disponibilizados, em especial pelo neto do escritor, Bernard Michel. A seguir, daremos algumas chaves iniciais que ajudarão a entender a evolução do texto.

A correspondência de René Maran como evidência genética

Qual o lugar da correspondência na crítica genética? Como explica Nathanaël Pono (2015), parece que duas correntes estariam se complementando. A primeira foi aberta por Alain Pagès que, em 1985, publicou o texto intitulado “Correspondência e gênese”, no livro *Leçons d’écriture: ce que disent les manuscrits* [Lições de escrita: o que dizem os manuscritos], organizado por Michaël Werner e Almuth Grésillon¹³. No artigo, ele considera a carta como um arquivo da obra literária. A segunda corrente foi lançada cerca de quinze anos depois por pesquisadores como José-Luis Diaz, Loïc Chotard e Mireille Sacotte que consideram a correspondência como texto pleno, de acordo com as suas publicações no número 13 da revista *Genesis* (PONO, 2015)¹⁴. Para a presente análise, exploraremos a correspondência de acordo com a primeira corrente: ela nos possibilita obter informações sobre a gênese e a gestação da obra complexa e constantemente reescrita *Un homme pareil aux autres*; expõe a gênese do romance remanejado por mais de vinte anos. Ficamos sabendo, numa carta datada de 23 de julho de 1920 ao seu amigo René Violaines, que René Maran sofreu naquela época uma decepção amorosa que, segundo Violaines, podemos vincular ao tema do seu romance (VIOLAINES 1965). Na mesma época, René Maran menciona repetidamente esta decepção sentimental nas suas cartas a Charles Barailley¹⁵, como mostra este trecho de 22 de outubro de 1919: “Não contarei por carta o que aconteceu. Você adivinhou apenas com este preâmbulo. Não vou mais casar.” (MARAN, 1919). Diversas cartas a esse amigo, como a de 3 de janeiro de 1920, dão conta da ruptura que tanto teria afetado René Maran: “Não se lamente sobre mim. Apesar de não esquecer nada, voltei a ter paz no coração!” (MARAN, 1920c), ou este outro trecho de uma carta escrita em 23 de março de 1920: “O amor? Para quem vive nos livros, o amor pouco conta. Iria casar. [...] Tomo

¹³ Confira Pagès (1985).

¹⁴ Confira Chotard (1999), Diaz (1999) e Sacotte (1999).

¹⁵ A correspondência com Charles Barailley vem da Biblioteca de Bordeaux. As cartas citadas foram digitalizadas pela plataforma Manioc, do SCD (*Service Commun de la Documentation*) da Universidade das Antilhas e da Universidade da Guiana.

minhas precauções para que a catástrofe que você conhece não volte a acontecer” (MARAN, 1920a).

René Maran também comenta a respeito de muitos relacionamentos com mulheres francesas ou africanas, na França ou nas colônias, na sua correspondência com os amigos Charles Barailley, Charles Kunstler ou Manoel Gahisto, e essas experiências puderam servir de inspiração para o romance (KUNSTLER, 1965; GAHISTO, 1965). Em 1921, numa missiva a Charles Kunstler citada por Lourdes Rubiales, surge a primeira menção à escrita do romance, então intitulado *Le Roman d'un nègre*:

Durante toda a travessia, tomei anotações, aqui e acolá, corrigi algumas observações anteriores. Umas e outras participarão de *Le Roman d'un nègre*. Resolvi pô-lo em marcha. Ajudar-me-á a reviver um passado que me é caro, porque o povoara de belas ilusões. Sou da raça daqueles que só vivem rezando cada dia nos túmulos da lembrança. (MARAN, 1921 apud RUBIALES, 2005, p.58)

Talvez, esta outra frase também, na carta a Charles Barailley, de 22 de janeiro de 1920 pudesse remeter à pré-história do romance: “Acabo de passar a limpo uma série de anotações de viagens: trarei a público em breve, em uma revista.” (MARAN, 1920b). Uma desilusão sentimental, um passado caro e lembranças farão, portanto, de *Un homme pareil aux autres*, já nos primórdios, um relato com inspiração pessoal. Em 20 de dezembro de 1921, em 16 de outubro de 1922 e em 18 de junho de 1924, brotam menções de *Le Roman d'un nègre* nas cartas trocadas com Charles Barailley, Albin Michel¹⁶ e Léon Bocquet, respectivamente (LITTLE, 2013, p. 168). Estas nos autorizam a datar o processo de escrita do início dos anos 1920, antes da divulgação de *Retour en France*, primeira publicação conhecida de um fragmento de *Le Roman d'un nègre*, na revista *Je sais tout*, em 15 de novembro de 1924¹⁷.

Nos dias 10 de abril de 1925 e 19 de agosto de 1925, nas correspondências de René Maran com Charles Johnson e Albin Michel, somos informados de que existe um projeto de publicação de *Le Roman d'un nègre* nos Estados-Unidos, numa versão em inglês. Já numa carta a Albin Michel, de 19 de agosto de 1925, René Maran relata as dificuldades do projeto: “Pode um negro casar com uma

¹⁶ A correspondência de René Maran com Albin Michel procede do acervo privado Albin Michel, bem a de René Maran e Charles Johnson.

¹⁷ Confira Maran (1924).

européia? É um tema escandaloso em primeiro grau nos Estados-Unidos, onde a própria ideia desta ideia nem pode ser evocada.” (MARAN, 1925). Por conta da segregação racial e do racismo, o casamento misto era proibido em muitos estados até 1967, quando as leis contra o casamento inter-racial foram declaradas anticonstitucionais (no bojo do processo Loving v. Virginia). Embora o projeto de tradução não tenha se concretizado, a correspondência entre René Maran e Charles Johnson espelha o interesse mútuo dos escritores negros, de cada lado do Atlântico, em pleno *Harlem Renaissance* e às vésperas do nascimento do movimento da Negritude. A farta correspondência evidencia o comprometimento de René Maran com a questão negra, um tema fulcral no romance, intrincado com o dos casamentos mistos.

Na sua carta de 9 de novembro de 1925 a René Maran, o seu famoso e fiel amigo Felix Éboué escreve que está esperando ansiosamente *Le Roman d'un nègre*, frisando que não gostou do título, o que pode ter influenciado de modo duradouro Maran quanto a esse quesito (LITTLE, 2013). De fato, na carta a Violaines, de 6 de setembro de 1926, antes da publicação de *Journal sans date*, René Maran escreve que “*Le Roman d'un nègre*, que sem dúvida vai se chamar *Jean Veneuse*, foi concluído há tempo.” (VIOLAINES, 1965, p. 26 apud LITTLE, 2013, p. 169). E, em outra carta, de 4 de março de 1927, René Maran explica a Alain Locke: “Acredito que poderei lhe enviar, em abril, um exemplar do meu *Djouma*, e um exemplar da revista na qual será publicado, no seu novo e definitivo formato, *Le Roman d'un nègre*, que levará, para a ocasião, o título de *Journal sans date*.” (LITTLE, 2013, p. 169). *Journal sans date* foi de fato publicado em 1927, e já não se fala mais de *Le Roman d'un nègre*¹⁸. Por volta de 1946, isto é, quase 20 anos mais tarde, em outra carta a René Violaines, Maran lhe participa que para final de junho receberá um exemplar de *Un homme pareil aux autres*: “Esta obra, que discorre por inteiro sobre a questão do casamento inter-racial, certamente dará muito que falar. Pouco importa, de resto, para quem só se dedica, a vida inteira, a cumprir sem fraquejar o seu papel social de escritor.” (VIOLAINES, 1965, p. 31-32)¹⁹. A missiva anuncia a publicação da versão definitiva do romance.

¹⁸ Para uma história mais detalhada e atualizada dos títulos atribuídos à obra, manuscrita e impressa, ver Roger Little (2021).

¹⁹ Esse dever social é mencionado em outras cartas a René Violaines, como a de 1 de janeiro de 1948: “O silêncio que a imprensa manteve em torno do meu último livro comprova para mim, acima de tudo, a gravidade do mal que denuncio. Este silêncio, se me espantou durante alguns meses, já não me espanta mais. É o digno contraponto, se me permite me expressar desta forma, dos clamores que receberam Batouala. Tentaram aniquilar a sua relevância sob vaías. Pensam que sufocarão *Un homme pareil aux autres* deixando de falar dele.” (VIOLAINES 1965, p. 31-32). Também lemos numa carta a Frédéric Jacques Temples de 5 de abril de 1948 (MARAN, 2013): “Quant ao meu *Homme Pareil aux Autres*, já me conformei. Ou as diferentes partes que se entredeveram às custas do nosso país

Aponta para a preocupação de René Maran com a recepção do seu romance²⁰ e a sua concepção do “papel social” do escritor. Mas esta dimensão social e pessoal do texto nos prende menos aqui do que a tentativa de constituição de um dossiê genético o mais preciso possível do romance.

O “dossiê genético” do romance

Chamamos de “dossiê genético” “[...] todas as evidências genéticas escritas conservadas de uma obra ou de um projeto de escrita, organizadas de acordo com a cronologia das sucessivas etapas.” (GRÉSILLON, 2016, p.286). O nosso dossiê genético de *Un homme pareil aux autres* inclui atualmente 4 versões impressas do texto, e 5 manuscritas ou datilografadas mantidas em diversos acervos.

As versões impressas

Definiremos a edição de 1947 de *Un homme pareil aux autres* como a **edição de referência**. Antes desta, identificamos três publicações do texto: trata-se, por ordem cronológica, de *Le Roman d'un nègre*, com o subtítulo de “*Retour en France*” [Volta para a França], de *Journal sans date* e de *Défense d'aimer*. A primeira publicação ocorre na revista *Je sais tout* de 15 de novembro de 1924, com um trecho de *Le Roman d'un nègre* apresentado como em vias de publicação. O trecho em pauta, sob o título de “Volta para a França”, tem três páginas e corresponde ao capítulo 7 da segunda parte de *Journal sans date* e de *Défense d'aimer*. *Journal sans date* é a segunda publicação conhecida da obra e conta com cerca de cem páginas. É uma obra integral publicada na revista literária *Œuvres libres* n°73, em junho de 1927²¹. O romance será posteriormente republicado com o título de *Défense d'aimer*²², numa versão que exhibe pequenas variantes com relação ao

quiseram, ao silenciar sobre ele, me castigar pelo meu não-conformismo, ou o silêncio observado ao seu respeito é a pior das manifestações racistas. Num caso ou no outro, tal atitude de avestruz é um erro, como diria Talleyrand. De certo, o meu romance não é uma obra-prima! Ninguém sabe disso melhor do que eu. Mas é a obra de um francês de cor de boa vontade, e que, apesar de tudo que pudera dizer ou escrever ao seu respeito, nunca caiu na europeanofofia. Comprove-se com tudo o que digo dos meus congêneres em todos os meus livros, até em *Un Homme Pareil aux Autres*. No fundo, pouco importa. O principal é cumprir, cumprir, só e, às vezes, contra todos, o seu dever social. Trabalhar da melhor maneira, no seu nível, no seu lugar, de acordo com a sua inteligência, esta é a regra do jogo.”

²⁰ Em realidade, René Maran ficou decepcionado com o silêncio retumbante em torno da publicação de 1947 de *Un homme pareil aux autres*, e o interpretou como sendo racismo; ver a sua carta de 5 de abril de 1948 a Frédéric Jacques Temples (MARAN, 2013), citada acima.

²¹ Confira Maran (1927).

²² Confira Maran (1932).

Un homme pareil aux autres de René Maran pelo prisma da crítica genética [...]

Journal sans date, na revista *Feuillets littéraires* de Arthème Fayard, em 1932. Por fim, a versão final do texto é aquela de *Un homme pareil aux autres* publicada nas edições Arc-en-ciel em 1947, que será relançada em 1962 por Albin Michel²³.

Os manuscritos

O grupo de pesquisa René Maran do ITEM está desenvolvendo uma grande investigação para datar as versões em manuscritos (escritas à mão) e/ou datiloscritos (estado datilografado do texto)²⁴ das obras de René Maran. Tais documentos estão disponíveis em diversos acervos e os consultamos em formato digitalizado. No caso de *Un homme pareil aux autres*, muito raramente possuem menção da data, o que dificulta a sua organização. Além disso, nem todos têm um título que possa orientar a datação do ante-texto.

Para datar um texto, são possíveis várias prospecções, relacionadas ao espaço gráfico (GRÉSILLON, 2016), a indícios linguísticos ou ainda, ao estudo comparativo dos manuscritos com os textos publicados. Por exemplo, temos uma cópia de dois dossiês procedentes do acervo privado de Bernard Michel, neto do escritor. O primeiro, que chegou até nós sob o nome de *Journal sans date*, parece conter pelo menos três diferentes manuscritos/datiloscritos. Para recolocá-los em ordem, precisamos, num primeiro momento, classificá-los lançando mão dos métodos acima mencionados. Após uma identificação linguística a partir de um levantamento genético que consiste em registrar, cotejando os textos, todas as diferenças entre eles com relação à obra de referência, puderam ser reconstituídos e ordenados três primeiros manuscritos-datiloscritos.

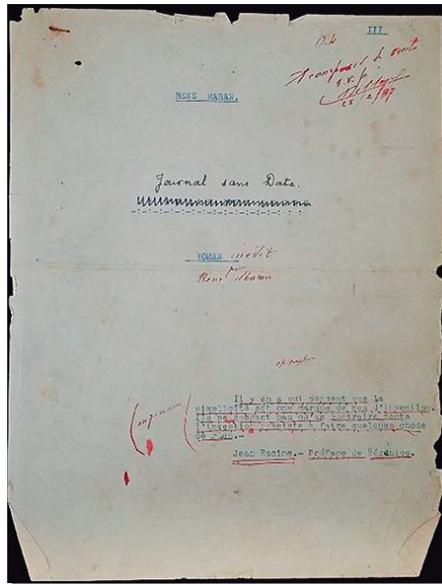
Este dossiê não datado, do acervo pessoal de René Maran, inclui, conforme observamos, três manuscritos misturados que procuramos organizar. O primeiro manuscrito (manuscrito 1) alterna trechos manuscritos com tinta verde e páginas datilografadas. Duas páginas são manuscritas e incluem um folheto datilografado colado e dobrado. É pouco rasurado, porém incompleto. Não contém página de título, inicia no capítulo I, indo até o capítulo XIII e apenas diz respeito à primeira parte do romance. A este primeiro manuscrito segue um datiloscrito incompleto (manuscrito 2) que parece iniciar no capítulo II até o capítulo VI, inteiramente

²³ Confira Maran (1947, 1962).

²⁴ Um manuscrito é um documento escrito à mão. Por extensão e às vezes, incluem-se nesta definição documentos datilografados ou impressos. Um datiloscrito, digitoscrito ou datilograma é o texto datilografado, geralmente no final da elaboração textual (geralmente manuscrita), que pode ser digitado pelo autor ou outra pessoa (Ver Grésillon (2016, p. 286, p.288, p.290) para as definições de datilograma, manuscrito e datiloscrito, respectivamente).

datilografado. Quando algumas passagens do manuscrito 1 estão rasuradas, estão ausentes no manuscrito 2. Neste mesmo manuscrito 2, as rasuras com anotações geralmente manuscritas e supralineares são transcritas no manuscrito seguinte, o que, para nós, é um indício de datação cronológica. Por fim, consta do dossiê um terceiro manuscrito (manuscrito 3). Dos três é o mais completo. Inclui a primeira parte completa do romance, do capítulo I ao capítulo XIII, e o primeiro capítulo, numerado capítulo XIV, da segunda parte do romance. Possui uma interessantíssima página de título.

Figura 1 – Página de título do manuscrito 3



Fonte: Michel (2021).

Nela vemos a menção rasurada a *Le Roman d'un nègre* em letras capitais datilografadas em azul, com, em anotação supralinear, manuscrita, em preto, “*Journal sans date*” e a menção, em vermelho “*inédit*”, à direita da indicação em azul, em letras capitais “ROMANCE”. A menção manuscrita de *Journal sans date* poderia ser da mão de René Maran, se compararmos com a letra das suas cartas. As demais anotações, em vermelho, poderiam ser do editor ou de um dos seus assistentes. Consta uma data, embora dificilmente legível por estar um tanto rasurada, a de “25/02/27”, no canto superior direito, com a indicação “Compor em seguida, por favor”. O dia 25 de fevereiro de 1927 é provavelmente a data da

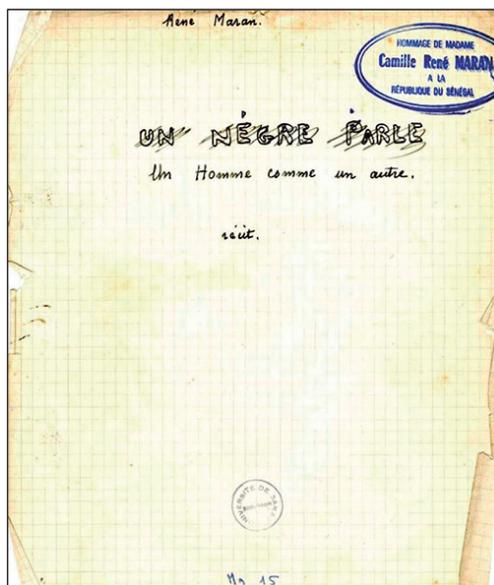
Un homme pareil aux autres de René Maran pelo prisma da crítica genética [...]

ordem de “compor” e a data do manuscrito resta a estabelecer. Mas esta data e as diferentes prospecções realizadas no manuscrito corroboram a ideia de que este corresponderia à versão definitiva de *Journal sans date*, que seria publicada quatro meses depois na revista literária “Œuvres libres”, de junho de 1927.

É instigante a descoberta dos três manuscritos nesse dossiê que, inicialmente, parecia conter apenas um. A classificação cronológica e o cotejo com *Journal sans date* levam a crer que o manuscrito 1, e talvez o manuscrito 2. Poderiam ser os manuscritos de *Le Roman d'un nègre*. Nós os identificamos como uma primeira etapa do texto.

Um quarto manuscrito vem do acervo René Maran legado por Camille Maran à República do Senegal e conservado na biblioteca da Universidade Cheikh Anta Diop, de Dakar, depois do falecimento do seu marido. Contém anotações manuscritas marginais a partir das páginas recortadas e coladas da obra publicada de *Défense d'aimer*. Fica claro que este manuscrito, além das variantes que exhibe, é posterior às obras publicadas de *Journal sans date* e *Défense d'aimer*. Portanto, corresponde a nova etapa do texto. O seu título está rasurado: *Un nègre parle* [Um negro fala], com o título reescrito abaixo *Um homem como outro*.

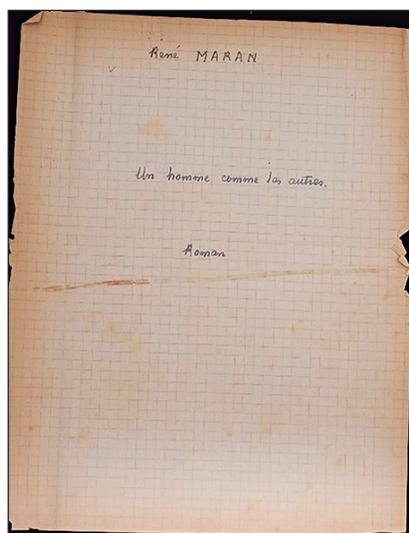
Figura 2 – Página de título do manuscrito 4



Fonte: Universidade Cheikh Anta Diop (2021).

Pudemos consultar um segundo dossiê do acervo privado de Bernard Michel. Chegou até nós na forma de dois arquivos escaneados. O primeiro arquivo contém um manuscrito incompleto. Inclui a primeira parte do romance, do capítulo I ao capítulo X, e o primeiro capítulo da segunda parte, numerado capítulo I. Após prospecções linguísticas, verificamos que pode ser posterior ao manuscrito 4 de Dakar. Tem o título de *Un homme comme les autres* [Um homem como os Outros] e o denominamos manuscrito 5, para complementar esta classificação cronológica.

Figure 3 – Página de título do manuscrito 5



Fonte: Michel (2021).

O segundo arquivo escaneado (manuscrito 6) contém outro manuscrito incompleto da segunda parte do romance, mas várias prospecções ainda precisam ser realizadas sobre esta versão que parece ser anterior ao *Journal sans date* publicado em 1927.

Será que existem outros manuscritos ou datiloscritos de *Un homme pareil aux autres*? A pergunta permanece aberta. Tentamos encontrar, sem sucesso por enquanto, o manuscrito que o autor teria deixado na Albin Michel antes da sua morte: Roger Little (2013, p. 170)²⁵ o menciona, mas não conseguimos, até

²⁵ Roger Little (2013, p. 170) aponta que “[...] é curioso observar que, a despeito da publicação do romance com o seu título definitivo em 1947, Maran submete a Albin Michel, pouco antes da sua morte, um manuscrito (reformulado?)

Un homme pareil aux autres de René Maran pelo prisma da crítica genética [...]

agora, nenhuma informação complementar e, ao que parece, ninguém sabe onde se encontra o documento.

Primeiras observações

Depois de cotejar as versões impressas e de classificar os manuscritos e datiloscritos, conseguimos diferenciar as versões próximas do texto final de 1947 (manuscrito 4 e 5) das versões mais antigas (manuscritos 1 a 3 e manuscrito 6). O estudo e a classificação desses documentos possibilitarão avançar na reflexão acerca da reescritura do romance. Até agora, os críticos destacam a inserção, depois de *Journal sem data* e de *Défense d'aimer*, de um novo capítulo I, com ares de prefácio, inteiramente em itálico, onde René Maran atribui um discurso, claramente de natureza autoral ao protagonista e narrador do romance Jean Veneuse: “Me chamo Jean Veneuse. O negro que sou talvez esteja errado de publicar as confidências que leremos. Mesmo assim me aconselharam a fazê-lo, porque o momento parece ter chegado de instigar a opinião pública.” (MARAN, 1947, p. 11). Apesar da narrativa na primeira pessoa que poderia lembrar os prefácios de confissões ou relatos autobiográficos, este capítulo afirma a ficcionalidade da obra através do pronunciamento do *dramatis personae* que é Jean Veneuse, já na primeira frase, ao passo que as versões anteriores do romance só o faziam no quinto (*Journal sem data*) ou sexto parágrafo (*Défense d'aimer*) do capítulo I da primeira parte: “Estou aqui, nesta multidão, eu, Jean Veneuse” (manuscrito 1). É, portanto, relevante e tornou-se o famoso incipit de *Un homme pareil aux autres*. Ora, consta no manuscrito 4 de Dakar, inteiramente escrito à mão, com tinta preta, e rasurado. Já no manuscrito 5, é copiado, a limpo, e sublinhado, talvez para indicar o itálico. Este manuscrito 5, intitulado *Un homme comme les autres* seria, portanto, a versão mais próxima da versão final de 1947. As pistas exploratórias abertas pela crítica genética são vastas e ajudarão a identificar outras transformações, maiores e menores, do romance que René Maran nunca deixou de retrabalhar.

O horizonte aberto pela perspectiva genética sobre o processo de escritura permite, deveras, penetrar em profundidade a obra e, através da observação das pequenas ou grandes supressões, dos mínimos ou extensos acréscimos, conseguimos entender melhor as negociações de significados, os detalhes da

ainda com o título de *Le Roman d'un Nègre* e que assim é que fala da obra.” Em e-mail de 13 de março de 2020 a Tina Harpin, Roger Little (2020) indica: “[...] não consultei o manuscrito da versão entregue nos anos 1950 e não sei onde está conservado.”

transformação, suscetíveis de explicar a obra e o seu alcance, o que mostramos no artigo “*La représentation des femmes dans Un homme pareil aux autres de René Maran au prisme des études génétiques*” [A representação das mulheres em *Un homme pareil aux autres* de René Maran pelo prisma da crítica genética] (HARPIN; GAUTHIER-BLASI, 2021). Também, levantamos já nas primeiras versões manuscritas, antes da publicação da primeira obra completa *Journal sans date*, fragmentos inéditos nos quais o escritor ataca com virulência a missão civilizadora, os colonizadores e suas práticas. Estes posicionamentos, alinhados às revistas e movimentos nos quais René Maran estava envolvido na década de 1920, ao lado de Kojo Tovalou Houénou, ostentavam uma ironia mordaz, porém sumiriam na publicação de *Journal sans date*. Tais observações nos autorizam a reavaliar e repensar a estratégia crítica de René Maran.

Conclusão

O estudo da obra pelo método genético permite apurar a sua compreensão a partir das escrituras, reescrituras e até mesmo das des-escrituras, que correspondem a tantas visões do mundo e de pensamentos que crescem, tomam forma e se ajustam no tempo e sob a pena do autor. O presente estudo de crítica genética de *Un homme pareil aux autres*, está apenas iniciando, mas suas primeiras conclusões, ao esmiuçar o texto, nos farão apreciar a maneira como, na obra do genial escritor, as questões do racismo, das relações sentimentais e dos casais mistos foram romanceadas, como eram vistas, pensadas e defendidas, a partir dos anos 1920 e até 1947, por um homem movido pelo desejo de “[...] cumprir, só e, às vezes, contra todos, o seu dever social. Trabalhar da melhor maneira, no seu nível, no seu lugar, de acordo com a sua inteligência, esta é a regra do jogo.” (MARAN, 2013).

UN HOMME PAREIL AUX AUTRES, BY RENÉ MARAN, THROUGH THE PRISM OF GENETIC CRITICISM - HISTORY OF THE TEXT AND GENETIC FILE

ABSTRACT: *Un homme pareil aux autres*, by René Maran, is a novel known for its love story and its autobiographical inspiration. But it is also a text that had been constantly rewritten since the 1920s until its final version in 1947, published by Arc-en-ciel. This novel has known several printed lives and several titles since the publication of an extract from the Roman d'un nègre in the journal *Je sais tout* in November 15, 1924 up to the publication of *Journal sans date* in the literary periodical “*Cœuvres libres*” in June

Un homme pareil aux autres de René Maran pelo prisma da crítica genética [...]

1927 and *Défense d'aimer*, published in the "Feuillets littéraires" by Arthème Fayard in 1932. The work of rewriting, obvious in the different printed versions and the access to the author's manuscripts, prompt us to consider the novel from the point of view of the genetic criticism. This article aims to explain the history of the text by presenting a genetic file composed of undated manuscripts that we have proposed to classify.

KEYWORDS: René Maran. Genetic criticism. Genetic file. History of the text. Manuscripts. Love novel. Autobiographical inspiration. Colonial history.

REFERÊNCIAS

CHOTARD, L. La lettre violée. **Genesis – manuscrits-recherche-invention**, Paris, n. 13, p. 45-52, 1999. Disponível em: < https://www.persee.fr/doc/item_1167-5101_1999_num_13_1_1117 > Acesso em: 23 jul. 2021.

DIAZ, J.L. Quelle génétique pour les correspondances ? **Genesis – manuscrits-recherche-invention**, Paris, n. 13, p.11-31, 1999. Disponível em: < https://www.persee.fr/doc/item_1167-5101_1999_num_13_1_1115 >. Acesso em: 23 jul. 2021.

GAHISTO, M. La genèse de Batouala. In. HOMMAGE A RENE MARAN. Paris : Présence Africaine, 1965. p. 93-155.

GRÉSILLON, A. **Éléments de critiques génétiques** : lire les manuscrits modernes. Paris : CNRS Éditions, 2016.

HARPIN, T. ; GAUTHIER-BLASI, L. La représentation des femmes dans *Un homme pareil aux autres* de René Maran au prisme des études génétiques. **Continents Manuscrits**, n.17, out. 2021. Disponível em : < <https://journals.openedition.org/coma/6969> >. Acesso em : dez. 2021.

KUNSTLER, C. Le cœur, l'esprit et la raison. In. KUNSTLER, C. HOMMAGE A RENE MARAN. Paris : Présence Africaine, 1965. p. 43-67.

LITTLE, R. *Le Roman d'un nègre* à la recherche d'un titre suivi d'un post-scriptum, dix ans après. **Continents Manuscrits**, n.17, out. 2021. Disponível em : < <https://journals.openedition.org/coma/6969> >. Acesso em : dez. 2021.

LITTLE, R. E-mail a Tina Harpin. 13 mar. 2020.

LITTLE, R. *Le Roman d'un nègre* à la recherche d'un titre. **Présence Africaine**, Paris, n. 187-188, p.167-174, 2013.

MAÏAKOVSKI, V. **Comment écrire des vers**. Paris : les Éditeurs Français Réunis, 1957.

MALELA, B. Authenticité et réécriture de soi dans *Journal sans date / Un homme pareil aux autres* de René Maran. In : LITTLE, R. **René Maran** : une conscience intranquille. Lecce : Interculturel Francophonie, 2018. p. 159-182.

Laura Gauthier Blasi e Tina Harpin

MARAN, R. Six lettres inédites de René Maran à Frédéric Jacques Temple – Autour d'Un homme pareil aux autres. **Présence Africaine**, Paris, v.1-2, n.187-188, p.175-182, 2013.

MARAN, R. **Un homme pareil aux autres**. Paris : A. Michel, 1962.

MARAN, R. **Le Livre du Souvenir**: poèmes, 1909-1957. Paris, Présence africaine, 1958.

MARAN, R. **Un homme pareil aux autres**. Paris : Éditions Arc-en-ciel, 1947.

MARAN, R. **Batouala** : véritable roman nègre. Paris : A. Michel, 1938.

MARAN, R. **Défense d'aimer**. Paris : Fayard, 1932.

MARAN, R. Journal sans date. **Les Œuvres libres**, Paris, n. 73, p. 105-236, 1927.

MARAN, R. Retour en France. **Je sais tout**, Paris, p.697-699, 15 nov. 1924.

MARAN, R. **Batouala**. Paris : A. Michel, 1921.

MARAN, R. **[Correspondência]**. Destinatório : Albin Michel, Paris, 19 ago. 1925. Biblioteca de Bordeaux.

MARAN, R. **[Correspondência]**. Destinatório : Charles Barailley, Paris, 23 mar. 1920a. Biblioteca de Bordeaux.

MARAN, R. **[Correspondência]**. Destinatório : Charles Barailley, Paris, 22 jan. 1920b. Biblioteca de Bordeaux.

MARAN, R. **[Correspondência]**. Destinatório : Charles Barailley, Paris, 03 jan. 1920c. Biblioteca de Bordeaux.

MARAN, R. **[Correspondência]**. Destinatório : Charles Barailley, Paris, 22 out. 1919. Biblioteca de Bordeaux.

MICHEL, B. Acervo privado de Bernard Michel. 2021.

PAGÈS, A. Correspondance et genèse. In. WERNER, M. ; GRESILLON, A. **Leçons d'écritures** : ce que disent les manuscrits. Paris : Lettres modernes Minard, 1985. p. 207-214.

PONO, N. **Explorer l'atelier épistolaire** : étude de correspondance d'écrivains. 2015. 121f. Mémoire (Maîtrise en études littéraires) - Université de Laval, Laval, 2015. Disponível em: <<https://archipel.uqam.ca/8001/1/M14048.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

RUBIALES, L. René Maran et l'écriture du Moi. In. DÍAZ NARBONA, I. **L'autobiographie dans l'espace francophone**. v.II – L'Afrique. Cadiz: Universidade de Cádiz, 2005. p.53-83.

RUBIALES, L. Un dandy noir entre Bordeaux et l'Oubangui-Chari (1909-1921). **Les Lettres romanes**, Louvain-la-Neuve, v.70, n.1-2, p.159-181, 2016.

Un homme pareil aux autres de René Maran pelo prisma da crítica genética [...]

SACOTTE, M. Une lettre et son devenir. (Dialogue entre une lettre d'Alexis Leger et une lettre de Saint-John Perse). **Genesis - manuscrits-recherche-invention**, Paris, n. 13, p.33-43, 1999. <https://www.persee.fr/doc/item_1167-5101_1999_num_13_1_1116>. Acesso em : 23 jul. 2021.

SOHN, A. -M. Les années folles par Anne-Marie Sohn. Entretien par Dominique Simonnet. **L'Express**, Paris, 2002. Disponível em: <https://www.lexpress.fr/culture/livre/7-les-annees-folles-par-anne-marie-sohn_818091.html> Acesso em: 23 jul. 2021.

UNIVERSIDADE Cheikh Anta Diop. Acervo René Maran da biblioteca da Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar. 2021.

VIOLAINES, R. Mon ami René Maran – Sa vie et son œuvre à travers ses lettres et mes meilleurs souvenirs. In : HOMMAGE A RENE MARAN. Paris : Présence Africaine, 1965. p.15-41.

